

Comunicação e cidade espetáculo – uma perspectiva filosófica¹

Carlos Fernando LEITE²
Universidade de Sorocaba

Resumo

O presente trabalho pretende-se uma análise da comunicação, da perspectiva da Filosofia – reconhecendo a inseparabilidade entre comunicação e cultura – visando a ampliar a compreensão de como se constroem as relações, em todos os níveis (no trabalho, na educação, no lazer, na vida pessoal), na presente época em que as tecnologias, especialmente (mas não unicamente) as comunicacionais – devido à sua capacidade de encurtamento do espaço e aceleração do tempo, processo que culmina na otimização do movimento – desempenham papel determinante à existência, no aspecto material, tanto quanto no conceitual.

Palavras chave: Comunicação; Cultura; Conhecimento; Tecnologia; Filosofia.

COMUNICAÇÃO E CIDADE ESPETÁCULO – UMA PERSPECTIVA FILOSÓFICA

Introdução

Quem quer que se proponha a discorrer sobre a comunicação, certamente terá diante de si um grande desafio. A começar, pela dificuldade – ou quase impossibilidade – de defini-la, de modo preciso e abrangente. Na *International Encyclopaedia of Communications*, Erick Barnouw e seus colaboradores apresentam a seguinte definição para comunicação: “Nós incluímos em comunicações todos os meios através dos quais a informação, as ideias e as atitudes chegam aos indivíduos, grupos, nações e gerações”.

Longe de querer contestar Barnow e seus cooperadores, mas consideramos tal definição um tanto quanto reducionista, pois parece incluir comunicação e mídia dentro de um mesmo entendimento. Alhures, em outro trabalho, admitiu-se a comunicação, como um fator inerente ao ser humano – o vetor relacional, por excelência – desde que este habita sobre a Terra. Ou seja, desde que se vê no mundo, o ser humano há de se ver, em relação ao seu semelhante, o que implica alguma forma de comunicação. A mídia, por seu turno – embora estreita e inevitavelmente relacionada à comunicação – não é outra coisa, senão o

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação, XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do Programa de Mestrado em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, email bubba.johnnyreb@gmail.com

corolário da evolução histórica das técnicas, e constitui-se, por definição, na ampliação espaço-temporal das possibilidades e potencialidades comunicacionais.

Em seu texto: *Sobre o Papel do Trabalho na Transformação do Macaco em Homem*, Friedrich Engels (1820-1895) alude à necessidade que o ser humano passou a sentir, em determinado momento de sua evolução, de unir-se a seus semelhantes, para agregar forças – tanto físicas quanto ideológicas – e assim poderem juntos, por meio do trabalho, promover com mais eficiência as necessárias transformações em seu modo de vida, criando condições cada vez mais favoráveis de sobrevivência, em todos os aspectos, ao mesmo tempo em que ele, o ser humano, sofria também suas transformações evolutivas (biológicas, físicas, fisiológicas, posturais, ideológicas etc).

Desse processo interacional de transformação pelo trabalho – que muitos consideram uma dentre as definições de cultura – teria surgido, devido à necessidade comunicacional, a linguagem, que não é senão o vetor da comunicação; quer seja na oralidade ou na escrita, que são as principais – mas não as únicas – formas em que a linguagem manifesta-se. Isso permite inferir a inseparabilidade entre a cultura e a comunicação. A linguagem faz-se também o elemento por meio do qual a comunicação liga-se estreitamente à Filosofia. Nunca é demais lembrar, que desde a época dos pré-socráticos, os sofistas, a linguagem há-se feito – quiçá o principal – objeto de estudo da Filosofia.

Analisada em sua evolução histórica, toda área científica apresentará, em seus anais, registros de fatos revolucionários, muitos dos quais são verdadeiros divisores de águas. Na comunicação, a invenção da escrita – por volta do século X a. C. – é, provavelmente, um fator que pode ser assim considerado. A partir do surgimento da escrita, o universo comunicacional conheceu uma realidade totalmente nova. Mesmo para os mais otimistas dentre os defensores da tradição oral, o destino desta estava eternamente determinado: dividir o espaço outrora exclusivo, com outra forma de comunicação.

A escrita, conquanto dependa de um suporte material, um “mal” que a oralidade não padece, por outro lado, introduz um novo conceito comunicacional. A partir dela, as informações podem ser armazenadas e disseminadas, de modo sistematizado e controlado. Pode-se arriscar a inferir, que este seja o fator ou a característica que a tenha tornado, ao longo da história, um dos meios comunicacionais mais utilizados.

Harold Innis, economista e geógrafo canadense, empreendeu na primeira metade do século passado, estudos – que resultaram no livro *O Viés da Comunicação*, referência no universo comunicacional – nos quais, partindo do surgimento da escrita e do subsequente

desenvolvimento de seu necessário suporte material, evidenciou a relação deste processo, com as questões sociais de relevância.

Analisando desde a cerâmica e a pedra e posteriormente o papiro e o pergaminho, até chegar ao papel da era moderna, Innis consegue estabelecer conexões com os aspectos político-econômicos (produção e comércio da matéria prima, geração de empregos, a questão das concessões etc) e também sócio-culturais (transmissão de conhecimentos e tradições, formação do ideário, tendências etc).

Entretanto, independentemente do benigno embate entre oralidade e escrita, enquanto formas autônomas – e, ao mesmo tempo, mutuamente complementares – de comunicação, ambas passaram por um processo evolutivo. Novas formas de linguagem não surgiram, ao longo da história, assim como novos equipamentos comunicacionais. O modo como concebemos a comunicação, na presente era em que a tecnologia faz-se capaz de encurtar o espaço e acelerar o tempo, de que deriva a otimização do movimento, é muito mais amplo do que em épocas passadas. O mesmo pode ser dito quanto à sua implicação com o social.

Nesse aspecto, o advento das tecnologias pode ser reputado também, como um possível divisor de águas na história evolutiva da comunicação. É provável que o telégrafo seja o primeiro passo, no que concerne aos dispositivos tecnológicos de comunicação. Embora tenha surgido no século XVIII, foi no século seguinte, com a versão elétrica, que este aparelho fortaleceu-se e popularizou-se, como instrumento comunicacional de longa distância. O telefone, surgido na segunda metade do século XIX, significou um passo gigantesco na ampliação das possibilidades comunicacionais do ser humano.

No que concerne às tecnologias, no sentido mais consistente do termo – embora aqui, enfatizem-se as tecnologias comunicacionais – o século XX, especialmente em sua segunda metade, com a invenção da televisão, a conquista do espaço e a criação do computador, é unanimemente reconhecido como o período em que ocorreu o grande salto tecnológico da humanidade. Por outras palavras, em um período de pouco mais de sessenta anos, já considerado o presente século, o ser humano conseguiu conceber, ao menos no aspecto material, (quase) todas as tecnologias de que hoje dispõe.

Tendo em mente esses entendimentos, o presente trabalho pretende-se uma análise da comunicação, da perspectiva da Filosofia – reconhecendo a inseparabilidade entre comunicação e cultura – visando a ampliar a compreensão de como se constroem as relações, em todos os níveis (no trabalho, na educação, no lazer, na vida pessoal), na

presente época, em que as tecnologias, especialmente – mas não unicamente – as comunicacionais, desempenham papel determinante à existência, em todos os aspectos.

Havendo analisado a comunicação, em trabalhos anteriores, de dois pontos de vista diferentes, crê-se que o momento seja oportuno a analisá-la, da perspectiva filosófica. Por sua consistência dialética e acuidade crítica crê-se que a Filosofia seja a área que mais consistentemente possa contribuir – até para fazer jus a tais atributos – à referida análise.

Tecnologias comunicacionais: Modernidade X Antiguidade

Material e conceitual são, inegavelmente, aspectos indissociáveis. Todo elemento, antes de se materializar, há de ser conceituado. Por outro lado, sua reconceituação só se faz possível, após sua materialização; tal como no círculo vicioso do ovo e da galinha. Mesmo no caso da chamada “materialização virtual”. Por exemplo, hoje, a computação gráfica permite – entre outros exemplos que se poderiam citar – que um cliente em potencial adentre “virtualmente” ao imóvel que pretende construir ou comprar. Ainda assim, a ideia de inseparabilidade entre material e conceitual permanece válida, pois, mesmo no exemplo dado, antes que o elemento seja “materializado virtualmente”, este há de ser conceituado.

Entretanto, em que pese considerar a inseparabilidade entre material e conceitual, ambos não se fazem necessariamente simultâneos. Não é à toa que Marx faz referência, no livro *O Capital*, às condições materiais, que muitas vezes ainda não se encontram postas. Ou seja, a ausência de condições à materialização de qualquer elemento, não é empecilho a que este seja conceituado. Por exemplo, conquanto não pudesse produzir o vácuo, para empiricamente testar sua hipótese, Galileu foi capaz de formular a teoria da aceleração dos corpos. Por outras palavras, se não podia produzir o vácuo, ele podia imaginá-lo; e isso foi suficiente para que a referida teoria fosse formulada; e Galileu estava certo, embora, lamentavelmente, não tenha vivido para ver sua teoria comprovada.

Quem pode garantir, em que momento, no transcurso de sua evolução, o ser humano teria primeiramente idealizado o telégrafo, o telefone, a televisão, o computador ou a conquista do espaço, consecuições acerca das quais já se fez menção aqui, antes que estas pudessem efetivamente materializar-se? O sinal de fumaça e os instrumentos de percussão, que alguns povos nativos utilizam para comunicar-se à longa distância, quiçá sejam evidências de que já existia na mente humana, o desejo de desenvolver meios comunicacionais de longo alcance, a despeito da falta de condições materiais à sua produção. Poder-se-iam citar muitos outros exemplos de meios comunicacionais primitivos,

que se classificariam como “tecnologias rudimentares” – ancestrais, por assim dizer, das tecnologias modernas – e que corroboram que o conceitual, não somente precede o material, como é suscetível de ocorrer muito tempo antes.

Nessa perspectiva, não se devem desprezar as consecuições passadas, em relação às atuais, como se estas fossem exclusivas da modernidade, e em nada se relacionassem com o que anteriormente se produziu. Diferentemente do modo como pensam alguns, a linha histórica não se compõe de momentos dissociados entre si, em que os elementos, tanto materiais quanto conceituais, surgem espontaneamente, como absolutamente novos, desvinculados, por assim dizer, de todo o contexto histórico-científico precedente. Ao contrário, todo o arcabouço tecnológico até aqui auferido pelo ser humano, não é senão o corolário político-econômico e sociocultural de todo o transcurso de sua evolução, em que pesem considerar as diferenças quantitativas e qualitativas entre as diferentes épocas.

A título de exemplo, o século XX – sobretudo a segunda metade – é unanimemente reconhecido, como o período em que o ser humano auferiu a maior parte de seus avanços tecnológicos; o que alude, antes de tudo, ao aspecto material. Por outro lado, o Iluminismo – séculos XVII e XVIII – é reputado como o período de maior efervescência civilizatória do ser humano, em relação ao pensamento; o que representa, sobretudo, o aspecto conceitual.

Tecnologias comunicacionais: para que se as quer

Em seu livro *A Natureza do Espaço*, Milton Santos afirma:

As características da sociedade e do espaço geográfico, em um dado momento de sua evolução, estão em relação com um determinado estado das técnicas. Desse modo, o conhecimento dos sistemas técnicos sucessivos é essencial para o entendimento das diversas formas históricas de estruturação, funcionamento e articulação dos territórios, desde os albos da história até a época atual. Cada período é portador de um sentido, partilhado pelo espaço e pela sociedade, representativo da forma como a história realiza as promessas da técnica.

A assertiva de Santos permite inferir que, em todas as épocas, sempre houve certa proporcionalidade entre as demandas sociais e o que a(s) ciência(s) podia(m) oferecer. Por exemplo, inventos como o automóvel e descobertas como a penicilina foram – dentro da expectativa social em relação à ciência, à época – tão revolucionários, quanto o transplante de medula e o Ipad o são, na presente era das tecnologias.

A única diferença é que, no passado, os avanços tecnológicos não ocorriam tão rapidamente quanto hoje. Atualmente, as tecnologias avançam em uma velocidade nunca antes vista, o que significa um desafio, especialmente às gerações mais velhas: a necessidade de rápida e constante readequação às exigências do mercado de trabalho, no que concerne ao uso das tecnologias. Na opinião de alguns, aqueles que nasceram após o advento das modernas tecnologias – até para fazer jus a essa condição – levam uma ligeira vantagem: não têm que se readequar àquelas exigências.

Pelo fato de não haverem experimentado a sociedade pré-tecnológica, em tese, eles encaram as demandas sociais da atualidade, em relação ao domínio tecnológico, de modo muito mais natural; na média, eles fazem uso das tecnologias, com muito mais domínio. Que o diga Michel Serres, na obra *Polegarzinha*, em que reconhece sua admiração, em relação à desenvoltura com que os jovens manuseiam seus dispositivos eletrônicos com os polegares – o que justifica o nome do livro – algo que ele mesmo admite ser incapaz de fazer com a mesma rapidez. Certamente, isso também se aplica a tantos outros da mesma geração que Serres, ou de gerações próximas à sua.

Evidencia-se assim, uma primeira mudança de comportamento, que as tecnologias são capazes de causar, a saber: impelir as gerações mais velhas a uma atualização mais consistente, quanto ao uso das tecnologias, em relação aos mais jovens, para que não incorram no risco de “ficar para trás”, no que concerne às oportunidades, em todos os aspectos, sobretudo no que diz respeito à vida profissional.

Aliás, em relação às tecnologias, atualização sempre foi palavra de ordem. Faz-se sugestivo lembrar o que ocorreu no século XIX, durante a Revolução Industrial. Na iminência de perder seus empregos, os Ludistas saíram às ruas, invadindo as indústrias e destruindo as máquinas. Analogamente a isso, atualmente, verifica-se o crescimento dos processos de automação e robotização nas indústrias. Não é difícil perceber a razão. Diferentemente dos humanos, as máquinas não necessitam de férias, tampouco adoecem ou ausentam-se do trabalho, além de ser capazes de trabalhar ininterruptamente, e de apresentar uma produtividade muito maior que o ser humano, tanto no aspecto quantitativo quanto no qualitativo.

É certo que, em um primeiro momento, um processo de automação ou robotização pode causar um índice acentuado de desemprego. Entretanto, assim como em épocas passadas, a chegada das máquinas às indústrias não representou a eliminação do elemento humano, tampouco hoje isso há de se verificar, pois, em que pese considerar o quão

“injusto” possa ser o fato de uma indústria automatizar ou robotizar sua produção, por outro lado, tal processo constitui estímulo constante a que o(s) trabalhador(es) se atualize(m), em relação às tecnologias.

Isso se estende a todos os segmentos de mercado, pois a tecnologia – independentemente das diferenças quantitativas e qualitativas – faz-se presente em todas as áreas, desde as mais simples às mais complexas, tornando a habilidade tecnológica, condição *sine qua non* ao desempenho profissional. Nas empresas de comunicação (telefonia, rádio, TV etc) – até para justificar a proximidade destas com as tecnologias – nos setores administrativos de todas as empresas, indústrias ou não, nos estabelecimentos de ensino em todos os níveis, nas empresas de transporte e logística, na agricultura, nas instituições financeiras – que têm nos bancos, seus maiores representantes – estão presentes as mais avançadas tecnologias, o que exige que seus profissionais estejam constantemente se reciclando, através de cursos de capacitação tecnológica.

Estes são apenas alguns exemplos que se podem citar, e que corroboram o quanto as tecnologias são ubíquas e unívocas. Ninguém há que escape à necessidade de constante atualização, em relação às tecnologias. Não está longe o dia em que, quem não for capaz de lidar com as tecnologias sentir-se-á semelhantemente a um peixe fora d’água, em todos os aspectos. Até aqui, tratou-se das tecnologias comunicacionais – nos aspectos material e conceitual – em linhas gerais, com certa ênfase na questão profissional. A seguir, outros aspectos igualmente importantes serão tratados.

Tecnologias comunicacionais na vida (até que ponto?) privada

Embora as tecnologias comunicacionais, principalmente a Internet – com sua capacidade de encurtar o espaço e acelerar o tempo, o que otimiza o movimento – exerçam certo fascínio sobre uma ampla maioria de pessoas, não é de todo impossível, encontrar quem não tenha muita afinidade com, ou até mesmo nutra certo antagonismo em relação a elas. No entanto, esse antagonismo, ainda que possível, certamente se restringirá à esfera da vida pessoal, uma vez que – conforme há pouco se admitiu – é quase que ou impossível não estabelecer contato com as tecnologias (não somente, mas principalmente, as comunicacionais), nas demais esferas da vida, sobretudo na área profissional.

No outro extremo da situação, estão aqueles que consideram as tecnologias comunicacionais, sobretudo a Internet, tão imprescindíveis, que chegam mesmo a afirmar que sem elas, torna-se quase impossível viver em sociedade. Entre esses dois extremos, há

ainda um terceiro grupo, provavelmente formado por um maior número de pessoas, as quais poderiam ser classificadas como usuários comuns das tecnologias. Ou seja, indivíduos que, se não chegam ao extremo do fascínio pelas tecnologias, tampouco desconsideram sua necessidade e utilidade. Em síntese, fascínio (ou fanatismo), antagonismo e uso racional (ou equilibrado), são termos que representam os diferentes comportamentos que as pessoas têm, em relação às tecnologias.

Independentemente do sentimento que se nutra em relação às tecnologias, ao se fazer uso delas está-se, de alguma forma e em alguma medida, exposto, tanto positiva quanto negativamente falando, pois se sabe que, como todos os elementos, as tecnologias, em que pese considerar que ofereçam muitas vantagens, facilitem a vida cotidiana, ao mesmo tempo, têm também seu lado pernicioso; dir-se-ia que este é até mais evidente.

Por outras palavras, quem quer que faça uso de alguma forma de tecnologia comunicacional, especialmente a Internet, ainda que em diferentes níveis, desde o simples uso do computador para tarefas triviais, às esferas mais avançadas, em que se exigem programas complexos, estará sob um mesmo princípio orientador, dentro do sistema (rede) comunicacional. De alguma maneira, aquilo que se está transmitindo ou recebendo pode(rá) ser acessado por qualquer pessoa, com boas ou más intenções, a qualquer momento e de qualquer lugar.

O antagonismo entre a “aparente privacidade” em que está alguém que opera um computador, e o fato de que tudo que se registra na máquina, de algum modo, possa ser acessado, é algo curioso. Aquilo que aparentemente traria mais privacidade ao indivíduo, acaba por expô-lo ainda mais intensamente. É fato que pode ser uma vantagem – por uma questão de segurança – ter no carro, no celular, ou em qualquer outro dispositivo, um sistema de rastreamento via satélite. Porém, o mesmo sistema faz-se absurdamente invasivo, pois, pode-se sempre saber onde a pessoa está, ainda que esta assim não o deseje, ou até repugne.

Não se está seguro quanto às informações sobre sua vida financeira, profissional, educacional, social ou em qualquer outro aspecto. Diariamente veem-se casos de pessoas e empresas que são vítimas dos chamados hackers. Haja vista, o caso recente de uma grande produtora de cinema americana, que teve seu sistema informacional invadido, e as informações acerca de um filme que estava prestes a ser lançado foram acessadas. Até mesmo os sistemas tidos como “invioláveis” – como por exemplo, o da agência espacial americana NASA – são vulneráveis aos referidos ataques.

Em suma: ninguém há que possa declarar-se absolutamente seguro contra a indesejável invasão de pessoas mal intencionadas, às suas informações; se as tecnologias comunicacionais, por um lado, proporcionam inegáveis benefícios e facilidade à vida cotidiana prática, em todos os aspectos, por outro lado, na mesma medida, colocam as pessoas em constante risco de ter suas informações expostas, com os consequentes prejuízos daí decorrentes.

Isso gera uma atmosfera de constante alerta, o que acaba também determinando algumas mudanças de comportamento, nas relações que se tem com as tecnologias. O dualismo: aquilo que me oculta me revela não é confortável. Ou seja, faz-se tudo para se proteger – por meio das tecnologias – em todos os aspectos da vida; e é também por meio destas, que se expõe mais intensamente.

O Príncipe Eletrônico é um texto em que Octávio Ianni desenvolve essa ideia de controle – em uma releitura de Foucault e Gramsci – tão presente desde épocas passadas, e que, com o advento das tecnologias, foi significativamente acentuada e ampliada, a todas as esferas da vida. Não se pode imaginar outra forma – não no mundo capitalista, em que tudo é medo – de organizar os homens em sociedade.

Porém, com toda a justificativa possível para o controle que se exerce sobre o ser humano e sua vida, em todos os aspectos, na mesma medida, é igualmente incômodo saber-se, a todo instante, controlado eletronicamente; saber-se constar *online* em milhares de computadores, quiçá no mundo inteiro; perceber-se “vulnerável” a todo tipo de intenção.

Ainda dentro da esfera do cotidiano, o lazer é um elemento importante. Como atividade em si mesma, representa uma espécie de “válvula de escape” ao estresse gerado pelo trabalho. Como conceito, faz-se presente, a todo instante, no ideário. Tem-se uma natural tendência, ou parece-se sentir a constante necessidade de idealizar atividades de lazer, tais como viagens e entretenimentos das mais variadas espécies, como se o constante pensar no lazer, em si mesmo, pudesse produzir uma sensação de prazer, uma espécie de “lazer simbólico”.

Quando se idealiza uma atividade de lazer, como uma viagem ao exterior, mesmo que não se tenha a imediata possibilidade de realizá-la, ainda assim, isso, de alguma forma e em alguma medida, parece trazer certa satisfação. Sem contar que, muitas vezes, mesmo quando se está em viagens de negócios, tenta-se, de algum modo, conciliar com alguma forma de lazer.

O lazer, material e conceitualmente, parece ser onipresente, e está intimamente relacionado às tecnologias; e talvez seja também, um dos aspectos da vida cotidiana, que mais se haja alterado, com o advento das tecnologias. Algumas atividades de lazer que eram tão comuns há algumas décadas, tanto entre crianças, quanto entre adultos, hoje, praticamente inexistem. Na presente era tecnológica, faz-se quase impossível pensar em uma atividade de lazer, que não inclua alguma forma de tecnologia.

Nessa questão, a televisão constitui um capítulo à parte. Muitos não a consideram um meio de comunicação – e por isso, pouco mencionada aqui – por operar em mão única, isto é, o emissor tem o monopólio do discurso. Esta não seria – para os mais radicais – senão um meio informacional. Mesmo a possibilidade que se tem hoje, de interagir via Internet com alguns programas de TV, não pode ainda ser considerada como atributo que torne a televisão comunicativa. Isso significaria um absurdo reducionismo à comunicação. Outros há que relacionam a televisão ao lazer, fazem-na seu lazer, pelas mais diversas razões. Trocando em miúdos: dentre as atividades que compõem a vida do indivíduo, o lazer – pela óbvia razão de estimular o consumo – talvez seja um dos mais fortes aliados do capitalismo.

Embora haja sido estabelecido na primeira metade do século passado – portanto, antes do surgimento das principais tecnologias comunicacionais modernas – o conceito de indústria cultural, cunhado por Theodor Adorno (1903-1969) e Max Horkheimer (1895-1973), apesar de não se referir especificamente ao lazer, é digno de menção, como tendo algum possível nexos com as inferências que aqui se fizeram. Mesmo porque, ambos os intelectuais fazem referência à arte e ao cinema, elementos que, se não estão diretamente ligados ao lazer, tampouco são a ele tão estranhos.

Obviamente que, tanto Adorno quanto Horkheimer, haviam de trabalhar dentro do contexto que se lhes oferecia. Nessa perspectiva, pode-se projetar a indústria cultural à presente era das tecnologias, em que o cenário, se não é o mesmo – e nem poderia sê-lo, dados os avanços, em todos os aspectos – não se apresenta melhor. Respeitadas as diferenças quantitativas e qualitativas e de contexto – político-econômico e sociocultural – verifica-se haver a mesma intencionalidade. A indústria cultural continua a operar – e de modo ainda mais acentuado, quanto mais avançam as tecnologias – ampliando seu escopo, orientada pelo mesmo princípio de transformação de todos os elementos em recurso, objetivando estimular o consumo exacerbado, em detrimento da criatividade, destarte desestimulando o senso crítico.

Tecnologias comunicacionais e a(s) cultura(s)

Se, como afirma Jesús Martín-Barbero – no livro *Dos Meios às Mediações* – não há comunicação sem cultura, tampouco esta existe sem aquela, constata-se então, a inseparabilidade entre comunicação e cultura. Outro ponto em comum é que, tal como se afirmou acerca da comunicação, a cultura também não é facilmente definível. No dicionário, encontram-se seis ou sete tentativas de definição de cultura. Dentre estas, duas parecem adequadas àquilo que o trabalho propõe-se: a cultura, do ponto de vista das tradições, dos costumes e das religiões, à qual se poderia chamar de informal, e a cultura, da perspectiva escolar ou acadêmica (instrução), que, em oposição àquela, chamar-se-ia formal.

No transcurso de sua evolução, o ser humano tem produzido sua cultura, em ambos os aspectos, isto é, não há povo sem tradições e costumes, na mesma medida em que, praticamente todos os povos – à exceção de uns poucos, em sua maioria, autóctones – possuem algum sistema de educação formal. Há-se que começar, pela questão da(s) tecnologia(s).

De início, indaga-se: o que se entende por tecnologia? Se se concorda com Milton Santos, acerca da proporcionalidade entre sociedade e ciência, à qual já se referiu aqui, dir-se-ia que, a cada período histórico cabem suas tecnologias; se, por tecnologias, entendem-se todas as diferentes formas de facilitação da vida prática, desenvolvidas pelo ser humano no transcurso de sua evolução, nos mais diferentes aspectos. As técnicas de caça, construção, confecção de roupas e fabricação de utensílios etc. Ou seja, tanto as técnicas adquiridas pela cultura informal das tradições e costumes, quanto aquelas obtidas via educação formal. Nessa perspectiva, podem-se ver, por exemplo, o sinal de fumaça e os tambores, meios de comunicação usados por alguns povos nativos, como tecnologias (sem aspas) que, à época de suas concepções, significaram verdadeiras revoluções, em termos comunicacionais, tanto quanto as modernas tecnologias hoje significam.

Ademais, aqueles meios de comunicação permitem inferir que, na mente humana, desde as épocas mais remotas, já havia o desejo de conceber meios de comunicação capazes de superar as barreiras geográficas; muito embora – conforme Marx o afirma em *O Capital* – ainda não houvesse as condições materiais necessárias.

Quando, pela primeira vez, atreveu-se a dizer que se poderia chegar à Lua, é provável que tenha havido um total descrédito, assim como em relação a tantas outras consecuições da ciência, aparentemente impossíveis em dado contexto, mas que, à medida que o ser

humano constrói sua cultura, cedo ou tarde, acabam se materializando. Na linha histórico-evolutiva não há rupturas. Cada período histórico, com suas respectivas consecuições, materiais e conceituais, constitui uma camada – analogamente ao manto de Arlequim, na metáfora feita por Serres, em *O Terceiro Instruído (ou Filosofia Mestiça)* – que se sobrepõe aos demais, e assim sucessivamente.

A cultura informal – tradições, costumes e religiões – é ubíqua e unívoca; inere ao indivíduo. Mesmo nos processos de aculturação, em que pese haver certa apropriação de elementos culturais da(s) outra(s) parte(s), ninguém há que perca seus atributos culturais. Com a cultura formal é diferente, embora, quando adquirida, passe a integrar o arcabouço cultural informal do indivíduo. No mundo capitalista, esta é institucionalizada e, por isso, direcionada aos interesses de grupos hegemônicos. O modelo é fragmentado, *standardizado*, aparentemente antagônico – ou, no mínimo, bastante resistente – ao novo, a outras propostas de construção de conhecimento.

Quanto à resistência em relação ao novo, Michel Serres tece uma crítica na obra *Polegarzinha*. Ao mesmo tempo em que admite a impossibilidade de negar o precedente, isto é, aquilo que se adquiriu nos modelos pré-tecnológicos, tampouco se pode impedir que novas formas de conhecimento manifestem-se, tomem lugar. O progresso tecnológico faz-se quase tão implacável quanto o próprio tempo. Todas as formas de construção de conhecimento devem harmonizar-se.

Quem não se lembra do “cadeado” feito com um pedacinho de madeira, colocado por dentro da janela de correr, dos remédios caseiros, da forma como se podem armazenar alimentos, na ausência de refrigeração. Ainda hoje, em plena era das tecnologias, não é difícil ocorrerem circunstâncias em que se necessite fazer uso de tais técnicas, pelas mais diversas razões; quer seja na solução de problemas cotidianos, ou por mero deleite ou excentricidade. Ademais, não se deve ignorar, como anteriormente mencionado, a forte ligação das consecuições passadas com a realidade presente das modernas tecnologias.

Por exemplo, o sistema binário, aperfeiçoado por Leibniz no século XVIII – o que já seria suficientemente antigo, para os padrões da tecnologia – data do século III a. C.; tendo sido criado pelo matemático indiano Pingala. O mesmo se dá na Astronomia, na Geometria, na Física e em tantos outros campos do conhecimento.

Em termos de princípios fundamentais às ciências, quase tudo foi estabelecido em épocas passadas, quando parecia haver uma proximidade ou uma identificação maior do(s) intelectual(is), com seu objeto de conhecimento, quando a busca pelo conhecimento

orientava-se por outros referenciais. No centro da cultura está o elemento humano. Portanto, não parece sugestivo, ou mesmo justificável, uma exacerbada louvação às tecnologias, em que pesem seus inegáveis benefícios; chegar-se quase a humanizar as máquinas, admitindo-as capazes de “substituir” o elemento humano. Esta talvez seja a mais perniciosa mudança de comportamento, em relação às tecnologias. E não são poucos os que assim pensam.

Suficiente se faz saber (e lembrar) que por trás da máquina, está o ser humano. Nessa lógica – e sem reducionismo – as tecnologias, em relação à cultura, constituem a ampliação espaço-temporal das potencialidades e possibilidades humanas, cujo uso faz-se inegavelmente imprescindível, em muitas esferas da vida em sociedade.

Entretanto, as tecnologias não são, senão um elemento da cultura, um produto, material e conceitual da cultura; embora alguns haja que cheguem a certa *tecnolatria*. Crê-se que esteja longe o dia em que se vá dizer – se é que este chegará – que a máquina possa substituir (e sem aspas) o ser humano.

Considerações finais

Comunicação, cultura e tecnologia formam o trinômio que permeia o presente trabalho. Em relação às duas primeiras, parece não haver dúvida quanto à sua inerência à existência humana. Quanto à última, por tecnologia, entendem-se todas as formas de aperfeiçoamento das técnicas cotidianas de sobrevivência, em todos os aspectos, desenvolvidas no transcurso evolutivo da humanidade. Ou seja, um elemento que há sempre integrado a vida do ser humano; o corolário da produção cultural – especialmente, no sentido de Marx: transformação da natureza – do ser humano em sociedade.

Nessa linha, tende-se a conceber a tecnologia, como tão inerente à existência humana quanto a comunicação e a cultura, o que pode conduzir à inferência de que esta já nasceu com o ser humano; faltava-lhe apenas intuí-la conceitualmente, para que pudesse aprimorá-la materialmente. Dentro da noção de proporção entre sociedade e ciência, destacada por Milton Santos, a que já se referiu aqui, na mesma medida em que a escrita, à época de seu surgimento, significou uma verdadeira revolução à comunicação, assim também se dá com a tecnologia moderna, com sua capacidade de encurtamento do espaço e aceleração do tempo, que culmina na otimização do movimento.

Mesmo aqueles que viveram à época pré-tecnológica, e acompanharam a transição à era das tecnologias virtuais, afirmam ser quase impossível imaginar o mundo sem tecnologias, que no sentido amplo do termo, não se restringem às tecnologias

comunicacionais, embora se as tenham aqui enfatizado, até para fazer jus à proposta da análise.

A comunicação, vetor relacional, por excelência, que tem na linguagem – principalmente oralidade e escrita – o seu vetor; a cultura, aqui sintetizada pelo binômio informal/formal; e a tecnologia, entendida como a ampliação espaço-temporal das possibilidades e potencialidades comunicacionais. Dessa relação trinomial, espera-se um discurso responsável que dê conta de explicar e busque harmonizar – como sugere Michel Serres em *O Contrato Natural* – a relação ser humano/natureza/tecnologia, na presente era tecnológica, destarte produzindo uma sociedade mais justa e igualitária, em todos os aspectos.

Referências:

- ADORNO, T. W. HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento*. 2. ed. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: J, Zahar, 1986.
- BARNOUW, E. *International Encyclopedia of Communications*. Oxford University Press, 1989.
- ENGELS, F. *O papel do Trabalho na Transformação do Macaco em Homem*. 2. ed. São Paulo: Global Editora, 1984.
- IANNI, O. *O Príncipe Eletrônico*. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Unicamp, 1998.
- INNIS, H. *O Viés da Comunicação*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- MARTIN-BARBERO, J. *Dos Meios às Mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- MARX, K. *O Capital: Crítica da Economia Política*. Livro 1: O processo de produção do capital. Trad. Reginaldo Sant’Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.
- SANTOS, M. *A Natureza do Espaço*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SERRES, M. *O contrato Natural*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.
- _____. *O Terceiro Instruído*. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.
- _____. *Polegarzinha: uma nova forma de viver em harmonia*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.
- OAKLEY, Kenneth B. *O homem como ser que fabrica utensílios*. In: Universidade Popular. 2.ed. São Paulo: Global, 1984.